

Sobrinho de Sarney

onal

Sábado, 3/12/88

é enterrado no Rio

Rio — “Será que o Rio de Janeiro é mesmo a cidade mais violenta do Brasil? “A pergunta foi feita pelo ministro da Justiça, Paulo Brossard, ontem à tarde, no Cemitério de São João Batista, durante o enterro de Augusto da Rocha e Silva Macieira, 21 anos, sobrinho de dona Marly Sarney, assassinado quinta-feira, em Humaitá (Zona Sul do Rio), porque se negou a entregar sua motocicleta ao assaltante, José Alves Barbosa.

Ao enterro compareceram ainda o ministro da Habitação e do Bem-Estar Social, Prisco Vianna, a filha de Sarney, Roseana, o secretário particular e ex-genro do Presidente, Jorge Murad, os secretários estaduais de Justiça, Técio Lins e Silva, e do Trabalho, Jorge Gama, o chefe do Gabinete Civil, Alexandre Camacho, que representou o governador Moreira Franco, e cerca de 300 amigos e parentes de Augusto.

Brossard lamentou a morte violenta “de um menino estudante”, lembrou a proximidade do Natal e disse que “mais importante do que armar árvores é introduzir nas famílias o hábito de cristianizar os costumes. Faz dois mil anos que Cristo veio ao mundo e ainda vivemos nessa selvageria”. Para o ministro, o serviço policial, “de uma maneira geral, está aquém das necessidades da sociedade. Mas a polícia não é suficiente para eliminar

o flagelo da violência”. Ele criticou ainda “a violência que a televisão mostra todos os dias.”

O corpo de Augusto Macieira foi velado na capela principal do cemitério, cercada por vários policiais civis. Compareceram, entre outros, Rogério Monteiro, secretário particular do governador Moreira Franco, que se disse amigo de Cláudio Macieira, além do deputado Roberto Jefferson e do ex-deputado Raimundo de Oliveira e do superintendente de Teatros do Estado, Rodrigo Farias Lima. Este lembrou “os dois processos de violência de que Cláudio Macieira foi vítima. Primeiro, do autoritarismo, quando perdeu o irmão José Carlos, que se suicidou depois de ser preso, torturado e humilhado. E agora ele perde o filho Augusto, vítima da violência urbana”, disse Rodrigo, ex-colega de Cláudio no Banco do Brasil.

Técio Lins e Silva assistiu ao enterro ao lado de Cláudio, de dona Dulce, mãe de Augusto, e de Gustavo, o irmão mais moço, que chorou muito. Técio disse que o assassino ficará preso na 10ª DP (Botafogo) à espera de julgamento e lembrou que a versão de crime passionnal havia sido afastada. “O assassino mostrou frieza e profissionalismo ao dar essa versão, pois o julgamento de homicídio simples é mais demorado e a pena menor do que a de latrocínio”.